

## “OBJETIVIDADE” NAS CIÊNCIAS SOCIAIS: UM RELATO SOBRE IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NA PESQUISA SOCIOLÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

*Lailson Cassiano da Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este relato de pesquisa expõe etapas do desenvolvimento de uma pesquisa de monografia, partindo desde as motivações por trás da escolha do tema até os métodos utilizados na sua construção, trazendo observações sobre a “objetividade” nas Ciências Sociais e as dificuldades de se fazer pesquisa em períodos de pandemia. A pesquisa realizada teve como objetivo refletir acerca da expansão do ensino superior brasileiro e aumento da mobilidade estudantil dentro do território nacional, relacionando tais aspectos com a evasão no curso de Ciências Sociais da UFF Campos dos Goytacazes. Neste relato, entretanto, procuro partilhar aspectos que envolveram a realização do referido estudo e que se relacionam à identidade e à subjetividade do autor.

**Palavras-chaves:** Reuni, Mobilidade, Evasão universitária, Ciências Sociais.

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é uma extensão do trabalho que já vinha sendo desenvolvido deste ano de 2017 e 2018, período em que fui bolsista de desenvolvimento acadêmico; bolsa esta que visa à iniciação de alunos de graduação da Universidade Federal Fluminense junto ao universo das pesquisas acadêmicas. Passei a desenvolver essa pesquisa junto ao grupo de estudos “Identidades, projeto e mobilidade”, coordenado pela Prof<sup>ª</sup>. Dra. Gisele Almeida, pesquisando alunos que vieram de fora do Estado do Rio de Janeiro para fazer o ensino superior na Universidade Federal Fluminense Campos dos Goytacazes.

Ao escolher o tema da mobilidade estudantil<sup>2</sup> e da evasão universitária, levo em consideração a minha própria construção biográfica, já que, a evasão escolar e a mobilidade espacial sempre se fizeram presentes em minha vida. Muitos dos meus familiares próximos e distantes desistiram da escola, grande parte deles não chegando a concluir nem o ensino fundamental. Desde a minha infância e início da adolescência, meus pais estavam em constante processo de mobilidade, sempre viajando, isso impactou diretamente na minha forma de pensar, pois sempre que chegávamos em um “lugar novo”, eu me questionava, sobre “qual seria o próximo lugar para onde mudaríamos”.

1 Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional - ESR/UFF

2 Falar em mobilidade estudantil neste texto significa pensar situações em que jovens “saíram” de suas casas, ou seja, mudaram de cidade/UF, com o objetivo de fazer a faculdade.

Essas viagens eram encaradas por mim, como uma aventura, como uma forma de descobrir e conhecer novas pessoas e lugares, ao chegar em uma nova cidade, tinha que me readaptar novamente, apesar de não ser um processo fácil, eu sempre o enfrentei com naturalidade, já que, que estava habituado, por causa das recorrentes mudanças. Esses deslocamentos cultivaram em mim uma vontade de não me estabelecer em um só lugar.

Além disso, em meados de 2016 me vi novamente em um novo processo de mobilidade, desde então motivado pelo desejo de cursar o ensino superior. Ao passar para o curso de Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes, tive que me deslocar do meu Estado de origem do Maranhão para o Estado do Rio de Janeiro. Essa experiência de sair de casa para estudar juntamente com a minha construção biográfica, foi o que me motivou a realizar esta pesquisa, sobre mobilidade estudantil e evasão universitária.

O que me leva a realizar esse estudo é justamente tentar entender como se dá esse processo de evasão, especificamente destes alunos oriundos de outros Estados, considerando os motivos e as condições que levam à interrupção da sua graduação em Ciências Sociais, investigando se esses aspectos que culminam na desistência em que medida relacionam-se com a sua própria condição migrante.

## **A RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

Weber (2011), em seu texto sobre “*A ‘objetividade’ do conhecimento nas Ciências Sociais*”, defende que diferentemente das ciências naturais, nas Ciências Sociais não dá para fazer uma análise científica puramente “objetiva” dos fenômenos sociais, que seja independente de determinadas perspectivas. O ponto de vista do pesquisador interfere na maneira como ele vai abordar e analisar o objeto, sendo esta guiada pela interpretação que o cientista faz, sendo que estas escolhas podem ser explícitas ou implícitas. Porém, o autor coloca que se faz necessário, para a busca de um rigor científico, que o pesquisador torne explícito e traga consciência de suas perspectivas para as suas pesquisas, para que assim possamos ter uma “objetividade” possível para estudar um objeto, partindo de uma certa interpretação.

O pesquisador sempre olha para o mundo partindo de um ponto de vista, como seres sociais, eles pertencem a uma classe social, a uma etnia, um gênero etc. Isso influencia na forma como eles observam e interpretam as dinâmicas sociais. Além disso, a escolha de um

tema de pesquisa e dos métodos para estudá-los estão carregados de subjetividade, ligadas ao habitus de socialização do pesquisador (PETERS, 2017). Mas ter consciência das motivações, que o levaram a realizar determinado estudo, possibilita recorrer a objetificação que as Ciências Sociais disponibilizam, tais como: dados estatísticos, investigações de fatos históricos e registros etnográficos, que segundo Bourdieu é uma forma de distanciamento que exerce algum “controle” sobre a subjetividade na produção sociológica (PETERS, 2017).

Escolher um tema de pesquisa é um processo que está intimamente ligado às experiências vividas pelo pesquisador (PAUGAM, 2015). Ou seja, não é algo que depende diretamente do acaso e de questões meramente científicas. A biografia individual de cada pesquisador o atravessa não só na hora de escolher seu tema de pesquisa, como também o auxilia nas suas interpretações quando o mesmo vai a campo, segundo Grossi (1992), é a trajetória distinta de cada um, que explica o porquê dois pesquisadores que estudam o mesmo tema chegarem a interpretações diferentes sobre um mesmo fenômeno estudado.

Mas o que leva alguém a escolher um determinado tema de pesquisa? Segundo Paugam (2015), a escolha de um tema está vinculada a relação que o pesquisador tem com o mundo ao seu redor, ou seja, ele vai preferir um objeto ao invés de outro, considerando o ambiente onde nasceu, os encontros que teve ao longo da sua vida, as dificuldades que enfrentou, os problemas que o revoltam, as injustiças que ele condena.

Grossi (1992) ao pensar a subjetividade partindo do gênero, vai colocar que antes da incorporação de mulheres na antropologia, os estudos dessa ciência eram marcados por estudos de homens falando com e em nome de outros homens, e que a chegada de Margaret Mead, Ruth Benedict e suas seguidoras no campo antropológico, vai fazer com que elas sejam as primeiras a pensar a cultura a partir da visão de mulheres. A trajetória dessas pesquisadoras e suas vivências no campo vão fazer com que elas se interessem por temas distintos, trazendo assim novos debates à Antropologia como, por exemplo, a questão sobre a relação sujeito/objeto. Segundo Grossi (1992), ao analisar o texto de Marilyn Strathern (1987), que faz um estudo sobre o desenvolvimento da antropologia, coloca que a autora ressalta que foram as mulheres que trouxeram esse debate sujeito/objeto, ao analisar as “complicações” que tiveram enquanto mulheres estudando outras mulheres.

Paugam (2015) coloca que a construção de um objeto sociológico demanda transpor a linha do senso comum e ir além, e assim construí-lo a partir de um sentido sociológico, e que para isso é preciso uma abordagem e referenciais teóricos, com o propósito de submeter o seu

estudo às normas de formulação acadêmicas de produção do saber, para que esse conhecimento produzido seja reconhecido como científico. Para construir esse conhecimento é exigido do sociólogo um distanciamento, e a desconstrução das pré-noções que ele venha a possuir sobre esse objeto, sendo que um dos primeiros passos desse distanciamento é se questionar sobre os motivos que o levaram a pesquisar esse determinado tema.

### **MUDANÇAS NO ENSINO SUPERIOR E A MOBILIDADE ESTUDANTIL**

As políticas públicas de expansão da educação superior no Brasil começam a partir dos anos de 1990 (SANTOS JUNIOR; REAL, 2017), durante a administração de Fernando Henrique Cardoso, que governou o Brasil entre os anos de 1995 a 2003. Foi nessa gestão que se criou, em 1998, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), que tem como objetivo examinar o conhecimento de alunos da educação básica, de acordo com a Constituição Federal brasileira de 1988, a educação básica contempla o ensino infantil, ensino fundamental e médio (CURY, 2002).

No âmbito da referida gestão, houve um aumento no número de instituições de ensino superior, principalmente de universidades particulares. Esse crescimento se manteve durante os governos petistas de Lula e Dilma <sup>3</sup>, porém, o foco agora estava mais voltado para questões sociais, que visavam a inclusão social, expansão e democratização dos campos universitários brasileiros (RISTOFF, 2014).

Foi durante os governos dos petistas mencionados, que foi criado o REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), no âmbito do qual, se deu a interiorização das universidades públicas e a ampliação no número de vagas. No decorrer do REUNI, o ENEM adquiriu mais relevância, pois, juntamente com o SISU (Sistema de Seleção Unificada) criado em 2010, passaram a cumprir papéis muito importantes para a modificação na forma de acesso ao ensino superior, que antes era feito só através de vestibulares, sendo que estes eram realizados exclusivamente na região onde se localizava a instituição de ensino (SANTOS JUNIOR; REAL, 2017).

Além dessas mudanças, Ristoff (2014) aponta, que no ano de 2012 foi criada a Lei 12.711, mais conhecida como a lei de cotas. Ela define que todas as instituições públicas de

3 Ambos os representantes do Partido dos Trabalhadores, Luís Inácio Lula da Silva governou o Brasil entre os anos de 2003 a 2011. Em janeiro de 2011, Dilma Rousseff assumiu a presidência, conseguindo se reeleger em 2014, mas em 2016 foi afastada do cargo após sofrer um discutível processo de impeachment (GLASENAPP; FARIAS, 2016).

ensino ligadas ao Ministério da Educação reservem 50% das suas vagas para alunos cotistas. Estas vagas são distribuídas levando em consideração, a renda, origem escolar e critérios étnicos e raciais. Essas medidas provocaram uma mudança no perfil do aluno que ingressa nas universidades públicas brasileiras, permitindo o acesso de grupos, que anteriormente, eram excluídos desses espaços (RISTOFF, 2014).

O SISU ajudou no processo de democratização do acesso ao ensino superior, na medida em que trouxe consigo maior possibilidade de mobilidade espacial dos estudantes dentro do território nacional, provocando assim, ao menos potencialmente, uma maior integração e trocas culturais, entre as regiões do Brasil, “o SISU teria a vantagem de propiciar maior mobilidade geográfica aos estudantes, ampliando trocas acadêmicas e culturais e a própria integração do país” (ARIOVALDO; NOGUEIRA, 2018: 155). Entretanto, é importante destacar que o processo de mobilidade traz consigo obstáculos para permanência do aluno, dentre eles temos, a adaptação a um novo ambiente, saudades de amigos e familiares, saudades do local de origem, dificuldade de adaptação ao universo acadêmico, dificuldades financeiras, todos esses fatores podem gerar dificuldades para a continuidade dos estudos e culminar em evasão.

A evasão acontece quando um aluno decide interromper seus estudos antes de concluir o curso de ingresso. Apesar de parecer simples, este fenômeno é complexo e envolve as mais diversas variáveis, como, dificuldades financeiras, baixas expectativas em relação à inserção no mercado de trabalho, até mesmo a inexistência de laços afetivos na universidade (GAIOSO, 2005).

Além disso, os jovens de camada mais populares são os que estão mais propensos à evasão, por falta de recursos financeiros para se manter na universidade. Exigido desses alunos, muitas vezes, uma reconfiguração do seu projeto, ou seja, para não abandonar o ensino superior muitos deles optam por trocar de curso por causa da divergência de horários, pois, as necessidades financeiras exigem que esse aluno trabalhe, e isso pode colidir com o horário de aula (GAIOSO, 2005).

Antes de iniciar a vida adulta, os jovens passam por diversas transformações relacionadas a aspectos psicológicos e sociais e, essas mudanças juntamente com a entrada na universidade pode colocar essas pessoas em situação de vulnerabilidade (BASTOS; MAIA; OLIVEIRA; FERREIRA, 2019), esses fatores podem se agravar com distanciamento de família e amigos, devido ao deslocamento feito para estudar, no caso dos jovens que “saem de

casa” para estudar, possibilidade que se tornou mais acessível a partir de políticas públicas implementadas pelo governo brasileiro nas últimas décadas.

## DEFINIÇÃO E REALIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Dentro desta proposta de pesquisa, a entrevista do tipo qualitativo se mostrava como a mais adequada para permitir acessar à experiência do outro a partir da própria interpretação do agente. Essa técnica de pesquisa permite compreender como o ator social interpreta a sua realidade e dá sentido a ela (POUPART, 2010). Neste sentido, as entrevistas eram um caminho para entendermos o processo pelo qual o aluno passou, desde a sua saída de casa, à chegada na universidade até o contexto no qual se encontrou quando decidiu interromper sua graduação. Lógico que a análise do material coletado precisa ser feita com os devidos cuidados, tendo em vista que, as interpretações dadas pelos atores não podem ser confundidas como a “realidade” ou como “verdade absoluta” (POUPART, 2010).

Em um primeiro momento, nosso objetivo era a realização de 10 entrevistas, com alunos que não concluíram o curso de Ciências Sociais. O fato de que a maior parte dos alunos que evadiram, não morarem mais na cidade de Campos dos Goytacazes, trouxe dificuldades e, neste sentido, se fez necessário ajustar o grupo alvo de participantes da pesquisa às nossas possibilidades (MILLS, 1975). Isso porque o desafio era localizar entrevistados/as dispostos/as a colaborar com a pesquisa, e que aceitassem participar da pesquisa concedendo entrevistas através de recursos de comunicação à distância como Skype ou Whatsapp.

Inicialmente também definimos que faríamos entrevistas com estudantes de Ciências Sociais, que ainda estivessem na universidade para ver/pesquisar os “riscos” de evasão. Tudo isso com objetivo de trazer maior completude à pesquisa.

Essa primeira fase da pesquisa foi finalizada com a entrega de um relatório, no final de 2019, que traçava os caminhos a serem seguidos para realização deste estudo.

Contudo, ao iniciar a segunda fase da pesquisa já no ano de 2020, ficou claro que não seria possível realizar a investigação junto aos alunos que possuíssem um vínculo com universidade, já que, o surgimento de um “novo vírus”, era o início da pandemia, impedia o

retorno das aulas presenciais e, conseqüentemente, um contato mais direto com esses estudantes.

Esse segundo momento foi marcado pela busca e identificação de discentes que passaram pelo curso de Ciências Sociais da UFF Campos, vindo de outras unidades federativas, mas que por motivos diversos desistiram do curso antes de concluí-lo, compondo desta forma, o cenário de evasão do curso. Através de listas oficiais, cedidas por meios formais para minha orientadora, tive contato com diversos nomes de ex-alunos/as desde a criação do curso no ano de 2009 até o ano de 2018.

Com essa lista em mãos, comecei a procurar os nomes encontrados em perfis de redes sociais, como o Facebook e Instagram, na busca por encontrar possíveis participantes para este estudo, ou seja, procurava ex-alunos/as de Ciências Sociais da UFF Campos, que não concluíram o curso e que tivessem vindo de outros Estados do Brasil, que não fosse o Rio de Janeiro.

As primeiras buscas por pessoas que pudessem colaborar com a pesquisa, foram realizadas por meio do Facebook, e não foram nada animadoras, pois nesse mapeamento inicial foram encontradas apenas duas pessoas que se enquadraram no perfil exigido pela pesquisa. Para aumentar minha preocupação, apesar de ter entrado em contato com elas, não tive retorno de imediato.

Em meio a tudo isso, de proliferação de um novo vírus e desânimo da minha parte, por ter encontrado poucas pessoas, resolvi entrar em contato com ex-colegas que tinham deixado de cursar Ciências Sociais e retornado aos seus respectivos Estados.

É importante registrar aqui que mudamos o planejamento inicial de conduzir entrevistas à distância pela adoção de roteiros estruturados para auto preenchimento. Isto é, em vez de entrevistar os/as ex-discentes, eles/elas foram convidados/as a participar da pesquisa respondendo ao questionário enviado. Este ajuste se mostrou necessário pela dificuldade de encontrar possíveis participantes, desafio que seria incrementado com a negociação de datas/horários para interações, ainda que de forma remota. Decidimos então ajustar o instrumental da pesquisa, enviando os questionários por e-mail ou através do link de um formulário online.

Durante o primeiro semestre de 2020 passei muito tempo sozinho, e apesar do tempo que tive, pouco produzi, minha pesquisa não andava e eu também não conseguia me animar,

tinha decidido que iria esperar tudo voltar ao normal para poder retomar tudo, entretanto meses se passaram e pude perceber que as coisas não iriam voltar ao normal tão cedo. E apesar de toda minha insegurança, sobre conseguir terminar a monografia, resolvi que iria tentar finalizá-la e me formar em 2020, apesar da pandemia.

Retomei os trabalhos, entrando em contato com minha rede de amigos que fiz ao longo da graduação, pedindo para que esses colegas me indicassem conhecidos seus, que se encaixassem no perfil da minha pesquisa, e através deles, acabei encontrando mais pessoas que aceitaram participar da pesquisa. Além disso, comecei a divulgar minha pesquisa em grupos de turmas de Ciências Sociais no Facebook e Whatsapp, e ainda pedi para que as pessoas compartilhassem a minha proposta de estudo, nessas postagens nas redes sociais eu deixava o *link* que permitia acesso direto ao questionário online, onde a pessoa poderia responder sem precisar baixar um arquivo.

Esses procedimentos adotados para localização de entrevistados/as e para a pesquisa de campo, devo muito a minha orientadora que mostrava as direções, as alternativas por onde eu poderia seguir, em função dos contratempos e dificuldades impostas pela pesquisa de um lado, ex-alunos/as que não estão mais na UFF, e pela pandemia de COVID-19, por outro lado, que inviabilizou parte do planejamento inicial. Os métodos e estratégias adotados ao longo da pesquisa surtiram efeito, ao final do estudo conseguimos a colaboração de 7 pessoas que responderam a 47 indagações do roteiro estruturado para auto-preenchimento.

## CONCLUSÃO

A escolha de tema de pesquisa, fala muito sobre o próprio pesquisador e sobre a sua vida (PAUGAM, 2015). Deste modo se faz necessário que o mesmo tenha consciência dessas motivações e busque sempre uma “objetividade” possível, para que o seu trabalho tenha um rigor científico.

O processo de democratização e expansão do ensino superior facilitou acesso de grupos historicamente excluídos da educação superior, mas muitas dessas políticas só garantem o acesso e não a permanência desses alunos, que na maioria das vezes acessa o ensino superior por meio do sistema de cotas, destinado a alunos negros e de baixa renda, como é o caso da Universidade Federal Fluminense Campos dos Goytacazes, em que 50% dos alunos que ingressam na universidade se utiliza do sistema de cotas (SIMÕES; XAVIER, 2018).

Portanto, a chegada de grande parte dos jovens de camada populares à universidade faz surgir outras demandas, que estão além das medidas já adotadas. O aumento da mobilidade espacial destes/as jovens estudantes e a falta de estruturas das universidades para dar suporte a essas pessoas que vem de fora do Estado se torna um obstáculo, e com frequência parece levar os alunos sem amparo financeiro a desistir do ensino superior e a reconfigurar os seus projetos de vida.

Fazer pesquisa não é algo fácil, e se torna ainda mais difícil em períodos de pandemia de COVID-19 e distanciamento social, que nos traz uma série de preocupações para além da execução de uma boa pesquisa. Além das dificuldades já relatadas acima, quero colocar que foi extremamente difícil encontrar pessoas que estavam abertas a colaborar com a pesquisa, o que me deixou extremamente afetado pela dificuldade do campo, em boa parte de pesquisa me sentia muito perdido em relação ao que fazer, e nessas horas recorria a minha orientadora que sempre me indicava que direção seguir, ela foi de extrema importância para o desenvolvimento e a conclusão da pesquisa. Aspecto que permite trazer à tona a importância do diálogo e da troca de experiência sobre os “bastidores” da pesquisa para a formação dos cientistas sociais.

## REFERÊNCIAS

- ARIOVALDO, Thainara Cristina de Castro; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. Nova forma de acesso ao ensino superior público: um estado do conhecimento sobre o Sistema de Seleção Unificada – SISU. **Revista Internacional de Educação Superior**. Campinas, SP, v.4 n.1. 2018.
- BASTOS, Elaine Marinho; MAIA, Alexandre Miranda; OLIVEIRA, Catarina de Laboure Ferreira de; FERREIRA, Sara do Nascimento. Sofrimento psíquico de universitários: uma revisão integrativa. In. **Encontros de Iniciação Científica Uni7**, 14., 2019, Fortaleza. Anais. 04 jan. 2019. Disponível em: Acesso em: 10 jul. 2019.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação básica como direito. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 134, p. 293-303 Disponível em: . Acesso em: 10 de fev. de 2020.
- GAIOSO, Natália Pacheco de Lacerda. **O fenômeno da evasão escolar na educação superior no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.
- GLASENAPP, Ricardo Bernd; FARIAS, Alessandra de. O processo de impeachment na Constituição Federal de 1988 e sua aplicação no caso Dilma Rousseff. **Revista Paradigma**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 1, p. 79-101, jan. /jun.2016
- GROSSI, Miriam Pillar. Na busca do outro encontra-se a si mesmo. In: GROSSI, M. P. (org) **Trabalho de campo e subjetividade**. Florianópolis: UFSC, 1992. p. 52-70. Disponível em: Acesso em: 26 ago. 2020.

- MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- PAUGAM, Serge. Afastar-se das prenoções. In: PAUGAM, Serge (coord.) **Pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 17-32
- PETERS, Gabriel. A ciência como sublimação: o desafio da objetividade na sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu. **Sociologias**. n. 45, Porto Alegre: UFRGS, 2017.
- POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 215-251
- RISTOFF, Dilvo. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação**, Sorocaba, v. 19, n. 3, p. 723-747, Novembro 2014.
- SANTOS JUNIOR, José da Silva; REAL, Giselle Cristina Martins. A evasão na educação superior: o estado da arte das pesquisas no Brasil a partir de 1990. **Avaliação**, v. 22, n. 2, p.385-402, jul. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2VUfGWZ>.
- SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição migrante. **Travessia**. Vol. XVIII, número especial, janeiro de 2000. 36 p.
- SIMÕES, Cassiana Ferreira; XAVIER, Alessandra de Muros. Perfil dos estudantes ingressantes da UFF Campos: democratização ou massificação? In: Encontro Nacional de Pesquisadores Em Serviço Social, 16, Vitória. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. 2018. p.1-17.
- WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. Tradução de Gabriel Cohn. 1º. Ed. São Paulo. Editora Ática, 2011.